

ARTI CULA ÇÃO







LINGUAGENS

MAIO | 2024 EDIÇÃO Nº 2

BARBENHEIMER: INDÚSTRIA
CULTURAL NA ERA DOS MEMES

Bem-vindo ao Articulação Linguagens

INSTRUÇÕES DE USO

- Clique nos elementos com o ícone  para acessar conteúdos extras.
- Clique nos elementos com o ícone  para acessar as respostas das questões.
- Palavras em **destaque** possuem conteúdo extra que pode ser acessado ao ser clicado.
- Todos os sites citados possuem *hiperlink* e podem ser acessados com um *click* sobre ele.
- Você pode navegar pelas páginas seguindo o Sumário ou pela barra superior de navegação.    

INICIAR 

MAIO | 2024 EDIÇÃO Nº 2

BNCC 



FIQUE

SABENDO!

DIÁLOGO ABERTO

INFOGRÁFICO

REFLEXÃO NA PRÁTICA

EXPERIENTE

ARTICULAÇÃO

LINGUAGENS

MAIO | 2024 EDIÇÃO Nº 2

BNCC 

BARBENHEIMER: INDÚSTRIA CULTURAL NA ERA DOS MEMES

FIQUE

SA
BEN
DO!

SAIBA MAIS SOBRE
O TEMA DESTA EDIÇÃO.



A FIQUE SA
BEN
DO!

Museu de Memes

B FIQUE SA
BEN
DO!

Uma conversa sobre a
indústria cultural

C FIQUE SA
BEN
DO!

Ryan Gosling, John Cena e
os outros momentos mais
virais do Oscar 2024

D FIQUE SA
BEN
DO!

6 séries e filmes que viraram
meme em 2023 e garantiram
boas gargalhadas

BARBENHEIMER: INDÚSTRIA
CULTURAL NA ERA DOS MEMES

LINGUAGENS

MAIO | 2024 EDIÇÃO Nº 2

BNCC



A

Museu de Memes

Imagine que exista um lugar que reúna os principais memes da internet dos últimos tempos. Essa é uma das funções do #Museudememes, projeto de pesquisa e extensão coordenado pelo professor Viktor Chagas, do Instituto de Artes e Comunicação Social. Veja o vídeo para entender os memes para além do humor e qual é a função de um museu dedicado a eles nos tempos atuais.



<https://s.ftd.li/P5NVur>

BARBENHEIMER: INDÚSTRIA
CULTURAL NA ERA DOS MEMES

LINGUAGENS

MAIO | 2024 EDIÇÃO Nº 2

BNCC



B

Uma conversa sobre a indústria cultural

O conceito de indústria cultural é utilizado em diferentes contextos. Na maior parte das vezes, serve para adjetivar e desqualificar uma pretensa cultura de massas ou popular. O conceito foi acusado de ser elitista, ultrapassado e carregado de preconceitos. Contudo, se retomarmos os textos de Adorno e Horkheimer, autores que dedicaram uma vida para analisar o tema, podemos verificar que a indústria cultural não só é uma teoria dialética da cultura que conjuga política, economia, estética, psicanálise e marxismo como uma agenda de investigação aberta e cheia de atualidade para pensar o presente.

TORRE, Bruna Della. Uma conversa sobre a indústria cultural. **Boitempo**, 29 jun. 2023. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2023/06/29/uma-conversa-sobre-a-industria-cultural/>. Acesso em: 1º abr. 2024.



C

Ryan Gosling, John Cena e os outros momentos mais virais do Oscar 2024

“Oppenheimer” pode ter sido derrotado por “Barbie” na guerra de bilheteria de “Barbenheimer”, mas o filme triunfou no Oscar deste ano — com o astro Cillian Murphy levando para casa o prêmio de Melhor Ator e o filme ganhando o prêmio de Melhor Filme.

[...]

O anúncio discreto de Al Pacino do vencedor do prêmio de Melhor Filme foi bem recebido pela internet, já que o astro parecia mais despreocupado do que qualquer pessoa na sala.

PLACIDO, Dani Di. Ryan Gosling, John Cena e os outros momentos mais virais do Oscar 2024. **Forbes**, 11 mar. 2024. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbeslife/2024/03/momentos-mais-virais-do-oscar-2024/>. Acesso em: 5 abr. 2024.



D

6 séries e filmes que viraram meme em 2023 e garantiram boas gargalhadas

O sucesso de uma produção no *streaming*, sejam filmes ou séries, leva em conta pontos como audiência e recepção da crítica. Contudo, se engana quem pensa que isso para por aí. Muitas produções também ficam marcadas pela reação do público nas redes sociais, sobretudo quando as produções viram memes e geram muita risada aos espectadores.

Em 2023, teve de tudo: desde estreia em “dobradinha”, no caso de Barbie e Oppenheimer, até gente tirando sarro da repercussão negativa, como aconteceu com **The Idol**, lançamento da HBO Max. Independente do motivo, o público fez o que sabe fazer de melhor: rir da situação. [...]

SILVEIRA, Luísa. 6 séries e filmes que viraram meme em 2023 e garantiram boas gargalhadas. **TechTudo**, 17 dez. 2023. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2023/12/6-series-e-filmes-que-viraram-meme-em-2023-e-garantiram-boas-gargalhadas-streaming.ghtml>. Acesso em: 5 abr. 2024.

CONHEÇA A OPINIÃO DE
QUEM ESTUDA O ASSUNTO.

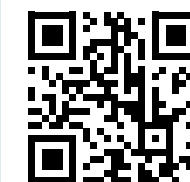
Barbenheimer: indústria cultural na era dos memes

Em 1945, o mundo conheceu o alto poder destrutivo da bomba atômica. Catorze anos depois, o universo lúdico e cor-de-rosa de uma boneca encantou as primeiras de muitas gerações de meninas e mulheres. Em 2023, essas histórias se encontraram nas mídias sociais, nas telas dos cinemas, e provocaram um fenômeno cultural, até então sem precedentes: “Barbenheimer”. Opostos em gênero, cores, públicos e objetivos, os filmes **Barbie**, sobre a boneca de plástico criada pela estadunidense Ruth Handler, e **Oppenheimer**, sobre a trajetória do físico — também daquele país — J. Robert Oppenheimer no desenvolvimento da bomba atômica, foram “shippados”, unidos pelos títulos, e originaram uma nova palavra em um exemplo contundente de como a linguagem e o comportamento *on-line* extrapolam as redes sociais e são capazes de interferir até mesmo na Indústria Cultural.



Assista ao trailer dos filmes

Barbie

<https://s.ftd.li/tK3zEH>

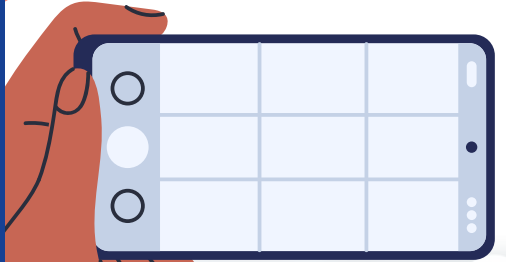
Oppenheimer

<https://s.ftd.li/8HmmWL>



Com Barbenheimer, a polarização fervorosa surgida quase uma década antes impulsionada pelas plataformas de mídia digital, chegou aos cinemas. Porém, ao invés de confrontar ideias e projetos políticos, o duelo cinematográfico rendeu *memes* — e alguns milhões de dólares para Hollywood. A partir deles, os lançamentos dos longas-metragens — marcados para a mesma data — foram aquecidos e transformaram a experiência coletiva de assistir a um filme em uma sala de cinema em um evento global. Mas para entendermos o feito de Barbenheimer, o *ship*, os *memes* e toda a relação entre cinema, redes sociais e linguagem, é preciso voltarmos alguns anos na História.

Em 2020, com a declaração da pandemia de covid-19 feita pela Organização Mundial de



Saúde, o mundo enfrentou um cenário inédito de isolamento. Para amenizar o sofrimento provocado pelo distanciamento social e pelo futuro incerto, os filmes, as séries, as telenovelas e todos os conteúdos audiovisuais disponíveis viraram escape, esperança, possibilidade de conexão com pessoas queridas distantes por intermédio das histórias e, claro, passatempo. Com o mundo em quarentena, o *streaming* explodiu, com aumento da demanda em cerca de 20% já nas primeiras semanas de reclusão. A experiência coletiva de assistir a um filme em uma sala de cinema deu lugar a assistir a um conteúdo em casa. Tal cenário abriu campo para o que hoje é chamado de indústria cultural digital, categoria ancorada no capitalismo de plataforma. No século XIX, a industrialização provocou, entre outras coisas, mudanças cruciais nos meios de comunicação de massa e na maneira como as pessoas interagiam com eles. Nesse sentido, o conceito de Indústria Cultural se identifica a partir da Revolução Industrial, capitalismo liberal, economia de mercado e sociedade de consumo. Ela pressupõe uma sociedade fordista de trabalho, na qual até mesmo o lazer deve se fundir a ela, replicando seu ritmo repetitivo e alienante. Hoje, o capitalismo de plataforma, além de exercer esse caráter reprodutivo da indústria cultural, também atua como função de monopólio, já que as principais plataformas de comunicação e interação social — Instagram, TikTok, Facebook, WhatsApp etc. — se encaixam total ou majoritariamente nesse sistema, em que, para o bem ou para o mal, fluímos ao sabor das plataformas, com seu arsenal algorítmico ditando, estratégica e assertivamente, o que consumimos.





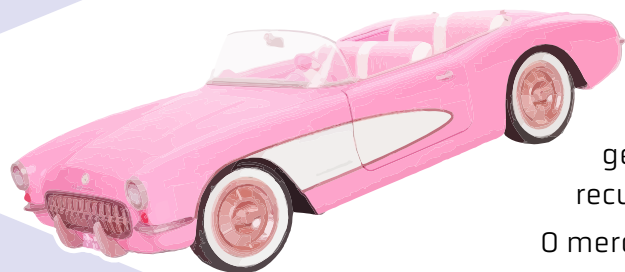
Hi, Barbie! O tsunami de nostalgia e a dopamina cor-de-rosa

O que explica um filme sobre um produto de plástico lançado nos anos 1950 se tornar, em 2024, uma tendência que quase provocou a escassez de uma cor em escala global? Resgatar boas memórias e trazer sentimentos como leveza e alegria em meio ao cotidiano atribulado e hiperconectado

em um mundo pós-pandêmico, incerto, podem ser algumas das respostas para essa pergunta. Afinal, antes mesmo do Barbenheimer, existiu Barbiecore, a febre do rosa-choque típico do universo do brinquedo que permeou diferentes gerações. A dopamina perdida em anos sombrios de covid-19 foi recuperada pelo tom vibrante da Barbielândia.

O mercado rapidamente percebeu que a necessidade de atrelar momentos radiantes às memórias afetivas era urgente. Provocar a produção de dopamina, neurotransmissor que atua no sistema nervoso dos mamíferos, levando ao cérebro informações responsáveis por diversas funções cerebrais e comportamentais, incluindo a regulação do humor, a motivação, a aprendizagem e a sensação de bem-estar, se tornou parte essencial de um produto ou serviço. Seja ele qual for. Inclusive, o cinema. A cultura da nostalgia já tinha provocado uma comoção no audiovisual em 2022, quando

Top Gun: Maverick, estrelado por Tom Cruise, uma das poucas personas que ainda consegue se apoiar no *star power*, foi aclamado pela crítica e público, alcançando o marco de maior bilheteria naquele ano. Na tela, a continuação de uma história que começou em 1986, com **Top Gun: ases indomáveis**.



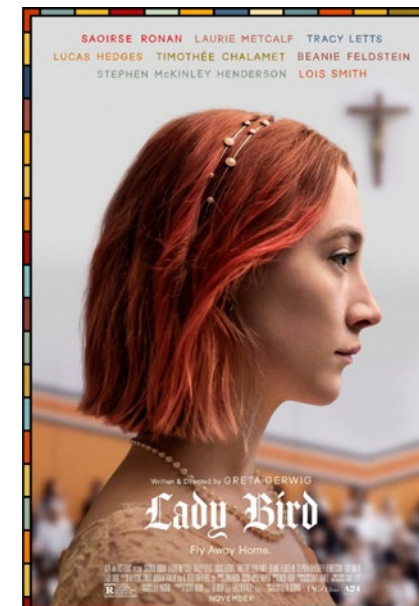
Esse tal feminismo

A Barbie estereotipada se vê diante de uma crise existencial.

Ela parte em busca da cura no mundo real, distante da perfeição de Barbielândia. Lá, acompanhada por Ken, descobre um “mundo do avesso”, onde a desigualdade de gênero é latente. Passamos a acompanhar a jornada da boneca em busca de sua humanidade — um movimento do extraordinário para o ordinário, comum —, pautada em um discurso que se esforça para imprimir a noção de que, a despeito do patriarcado, citado tantas vezes no longa, as mulheres podem ser o que quiserem: *fashion*, aventureira, executiva, cientista, astronauta, até mesmo presidente.

Greta Gerwig, atriz na cena *indie* nova-iorquina, pós-anos 2000, roteirista de séries, videocliques e filmes, alguns deles de Noah Baumbach, passou a ser cotada para o projeto não só por ter chamado atenção com sua estreia em **Lady Bird: A hora de voar** (2017), que lhe rendeu uma indicação ao Oscar de Melhor Direção, e **Adoráveis mulheres** (2019), *remake* da adaptação de **Mulherzinhas**, de Louisa May Alcott. O que parece

ter agradado a Mattel, maior fabricante de brinquedos do mundo e dona da marca Barbie, foi um certo equilíbrio entre o feminismo, as conquistas e o protagonismo das mulheres e uma evidente estética em comum das personagens de Gerwig. Em seu histórico, a empresa costuma se distanciar de controvérsias. Tudo o que possa arranhar sua imagem é ressignificado em algo palatável e inofensivo. Margot Robbie, que também assina a produção de **Barbie**, tinha consciência quanto ao enfrentamento de *haters*, que, entre outras coisas, problematizariam um legado de padrões de beleza inalcançáveis perpetrados pela marca por décadas. Ela achou importante incluir a Mattel na conversa. Isso pode ser visto tanto na figura do CEO da empresa, vivido por Will Ferrell na ficção, quanto nas falas de variadas personagens, que parecem antecipar, quase como uma *mea culpa*, possíveis críticas engatilhadas pelo público, sobretudo via mídias sociais.





Uma das discussões que mais rodaram esse super lançamento foi: Barbie é a salvação ou a destruição do feminismo? Aliás, **Barbie** é feminista? A diretora e seu elenco defendem que sim. Executivos da Mattel deram entrevistas à imprensa afirmando que não. Se até mesmo dentro de grupos de mulheres que se consideram feministas despontaram calorosas

divergências, a questão se torna ainda mais intrigante: de qual feminismo estamos falando?

Para tentar responder, deve-se voltar à maneira como a obra cria seu discurso a esse respeito. Repleto de referências, a mais icônica delas acontece logo na abertura, com a recriação de uma cena de **2001 – uma odisseia no espaço**, clássico do Stanley Kubrick. Nela, crianças da pré-história brincam entediadas com bonecos bebês, até que Barbie se materializa na cena, em carne e osso, tal qual um monólito, sugerindo, para o delírio e êxtase das garotinhas, a libertação de um destino determinista, onde elas teriam como únicas opções cuidar dos filhos e da casa. Barbie teria inaugurado uma nova era para as mulheres.

No mundo idealizado, e cor-de-rosa, da Barbielândia, as mulheres-bonecas têm profissão, ocupam cargos prestigiados de poder e ainda contam com uma legião de Kens devotos ao seu dispor. Mas o que define o feminismo: sucesso profissional,

divisão igualitária de papéis na sociedade, escolher as roupas que vai vestir, os relacionamentos que vai ter (ou não ter), direito ao lazer e ao descanso, poder de escolha? Boa parte da discussão se manteve na superfície, justamente por tratar o feminismo como um conceito capaz de abarcar toda a variedade de concepções da realidade. Cada vertente do feminismo possui uma posição distinta sobre a origem da opressão da mulher e o que deve ser feito, em termos práticos, para acabar com ela. São incompatíveis entre si, apesar de concordarem em algumas pautas elementares, como violência contra a mulher, direito de fala e de oportunidades etc. Trata-se de movimentos políticos com esferas de atuação diferentes e, em alguns casos, até opostas. Feminismo liberal, radical, marxista, anarquista, pós-moderno, materialista, negro, indígena, cristão, decolonial, classista, ecofeminismo, transfeminismo; todos esses termos parecem complexos, e realmente são. É a interseccionalidade — mulheres com vivências distintas — que atentará para como as pessoas e grupos se localizam e colher seus saberes, a fim de que tudo isso colabore no tom político a ser adotado, no entendimento de demandas daqueles sujeitos.

Dentro da lógica capitalista tudo é passível de ser transformado em mercadoria. Até mesmo conceitos, termos, lutas políticas. Com base nisso, pode-se encarar o esvaziamento da complexidade do feminismo em **Barbie** como um meio de atingir um público de massa, não familiarizado com a questão e, ainda assim, se beneficiar com o poder de *marketing* que as chamadas “minorias” têm quando suas lutas se inserem em um sistema comercial. O grande alcance de uma mensagem pressupõe simplificação e um mínimo denominador comum. Além disso, soa desproporcional, e ligeiramente ingênuo, atribuir o peso de uma luta histórica por direitos e igualdade para as mulheres nos ombros de um brinquedo de plástico.

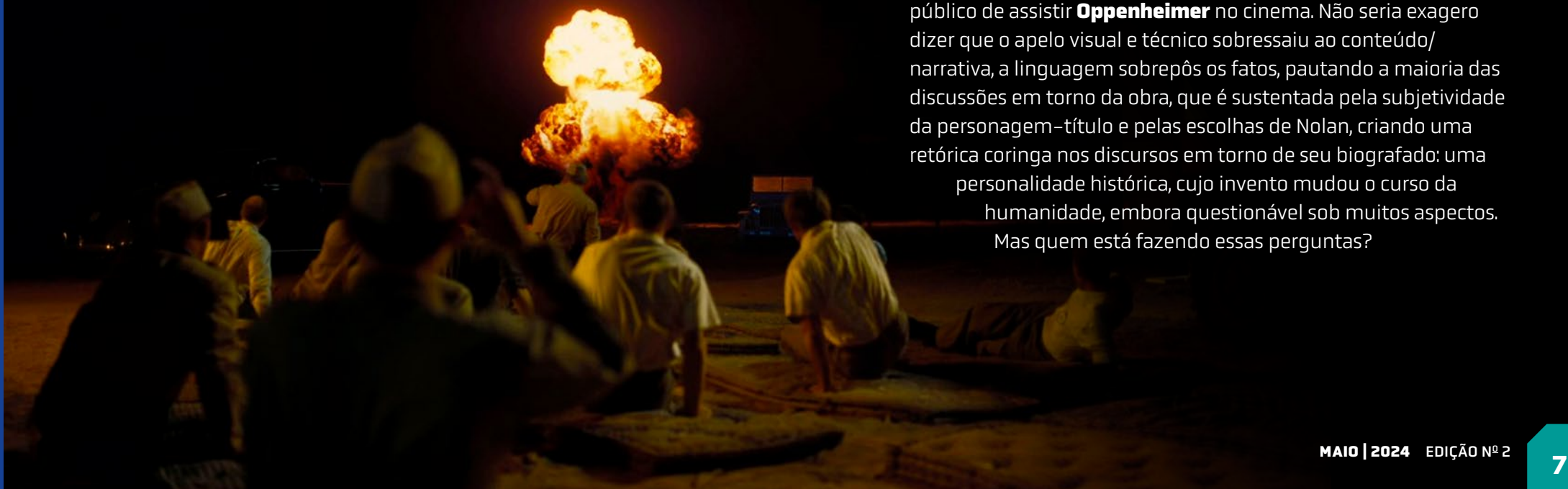
Ainda vivemos em uma enorme Mojo Dojo Casa House.

Oppenheimer: linguagem marca a inovação tecnológica

Christopher Nolan construiu uma sólida carreira se apoiando em uma espécie de visão purista do cinema, apreço pelo clássico, recusa do uso de CGI — imagens geradas por computador — e uma defesa inegociável dos efeitos práticos (até o momento, ele não revelou como construiu um artefato explosivo para simular a bomba em seu filme). Sendo assim, é coerente que, no imaginário do público e até mesmo de parte da crítica, seu trabalho esteja intimamente atrelado a uma percepção tangencial à linguagem e à tecnologia.

A história e evolução da arte cinematográfica foi forjada com base no desejo de profissionais visionários que se depararam com barreiras técnicas para dar vida às suas histórias. Um dia o cinema deixou de ser mudo e o som se tornou um elemento crucial, deixou de ser somente preto e branco e as cores adicionaram novas nuances à Direção de Fotografia, por exemplo. O fotógrafo Hoyte van Hoytema, oscarizado por seu trabalho em **Oppenheimer**, filmou a obra com câmeras IMAX 65mm

e Panavision System 65mm. A Kodak fabricou o filme Eastman Double-X preto e branco em 65mm e lentes Wide exclusivamente para uso na obra, uma inovação no setor. Até então, câmeras IMAX costumavam ser utilizadas apenas em planos de paisagem e nunca tinham sido consideradas para *close-ups*, planos próximos do rosto dos atores, sobretudo em cenas que possuem diálogos/falas e captação de som direto, já que o barulho emitido por essas câmeras era um complicador. Como resultado, estabeleceu-se uma perspectiva de profundidade forte, com a sensação de que estamos muito mais próximos da cena. Um refinamento na construção do ponto de vista das personagens e, conseqüentemente, no controle do foco do espectador, buscando um engajamento mais concentrado e imersivo. Visão autoral e novas possibilidades tecnológicas ajudaram a criar uma necessidade — até mesmo um certo *frisson* — no público de assistir **Oppenheimer** no cinema. Não seria exagero dizer que o apelo visual e técnico sobressaiu ao conteúdo/narrativa, a linguagem sobrepôs os fatos, pautando a maioria das discussões em torno da obra, que é sustentada pela subjetividade da personagem-título e pelas escolhas de Nolan, criando uma retórica coringa nos discursos em torno de seu biografado: uma personalidade histórica, cujo invento mudou o curso da humanidade, embora questionável sob muitos aspectos. Mas quem está fazendo essas perguntas?



Julho de 2023: um marco na história do cinema mundial

O verão estadunidense é o período no qual os principais estúdios de cinema investem para os seus lançamentos. Férias escolares, clima com temperaturas mais altas, dias quentes e ensolarados, além da lógica da produção industrial, são alguns dos fatores que ajudam a explicar a escolha da estação. Mas o que nem os mais experientes executivos de Hollywood poderiam prever era que — ao que parece — uma coincidência de datas marcaria para sempre a temporada de julho de 2023 e a história do cinema.

Tanto a Warner Bros., empresa responsável por **Barbie**, quanto a Universal Pictures, estúdio de **Oppenheimer**, escolheram a semana do dia 20 de julho para os lançamentos, o que abriu margem, inclusive, para os exibidores criarem estratégias de venda casada de ingressos. É importante lembrar que o cineasta Christopher Nolan havia encerrado uma parceria de duas décadas com a Warner Bros. antes de levar o projeto de uma adaptação do livro vencedor do prêmio Pulitzer **Oppenheimer: O triunfo e a tragédia do Prometeu**

americano (Editora Intrínseca), de Kai Bird e Martin J. Sherwin, para a Universal.

A crise entre a Warner e Nolan pode ter sido provocada pela mudança estratégica no lançamento das produções do estúdio responsável por sucessos como a trilogia **Batman** e **Dunkirk**. Segundo o *site* Insider, no auge da pandemia de covid-19, com os cinemas fechados em função das normas sanitárias internacionais da OMS e o alto consumo de filmes sob demanda, a Warner apostou em lançar títulos que iriam para as telonas em 2020 e 2021 em seu serviço de *streaming*, o então HBO Max. Na ocasião, o diretor de **Oppenheimer** fez duras críticas à decisão da empresa em entrevista para o *The Hollywood Reporter*, dizendo que o maior estúdio de cinema havia se transformado no pior serviço de *streaming*. O conflito entre o realizador e o estúdio e a aposta de lançar **Barbie** nos cinemas no mesmo dia, portanto, podem ser a origem de uma rivalidade (ou seria aliança de inimigos perfeitos?) que se transformou no fenômeno global Barbenheimer.



Crise do Oscar

Na última década, a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas vinha demonstrando preocupação com o progressivo desinteresse do público pelo Oscar. A desconexão das novas gerações com o evento, o enfraquecimento de referências e o mar de opções disponíveis para o consumo de conteúdos, de plataformas e formatos variados, em detrimento da onipresença da televisão em outrora, podem ser alguns dos fatores responsáveis para o declínio. Em 2018, ano com recorde negativo de audiência na noite da cerimônia, a Academia anunciou que no ano seguinte criaria uma nova categoria, a de Filme Mais Popular do Ano. A iniciativa, abandonada após ser criticada severamente, foi uma manobra para incluir no rol de indicados filmes de super-heróis, da Marvel e DC, de gêneros pouco prestigiados como aventura e ação, com bilheterias expressivas, apelo com o público e grande repercussão midiática.



O Oscar 2024, que teve **Barbenheimer** como protagonista, sinalizou um aumento de audiência quando comparado aos anteriores. **Oppenheimer** terminou a noite como o grande vencedor, levou para casa sete estatuetas (Melhor Filme, Melhor Direção, Melhor Ator, Melhor Ator Coadjuvante, Melhor Trilha Sonora Original, Melhor Fotografia, Melhor Montagem) e, embora tenha somado, ao todo, oito indicações, **Barbie** obteve apenas uma estatueta, a de Melhor Canção Original, por *What was I made for?*, de Billie Eilish.

O êxito de **Barbenheimer** se traduz, sobretudo, em números e em recordes na indústria cinematográfica. Nunca antes na história de Hollywood dois títulos arrecadaram mais de 100 milhões de dólares e 50 milhões de dólares, **Barbie** e **Oppenheimer**, respectivamente, no mercado dos Estados Unidos ao mesmo tempo. Com um orçamento de US\$145 milhões, o filme de Greta Gerwig totalizou US\$337 milhões apenas em seu final de semana de estreia, a maior abertura de uma diretora, superando **Capitã Marvel** (2019) e **Mulher-Maravilha** (2017). Já o filme de Christopher Nolan, que custou US\$100 milhões, somou US\$174 milhões, a maior abertura global para um filme biográfico, deixando para trás **Bohemian Rhapsody** (2018).

#NoBarbenheimer: memes provocaram indignação no Japão

Três horas. Esse é o tempo de duração de **Oppenheimer**, o filme mais longo já dirigido por Christopher Nolan. Conhecido justamente por assinar produções extensas, como **Interestelar** (2h49m) e **O cavaleiro das trevas ressurgiu** (2h32), o fato de a adaptação biográfica contar com 181 minutos não surpreendeu nem os fãs e nem a crítica. No entanto, o que pesou contra o diretor foi ter focado nos conflitos pessoais e na trajetória daquele que é considerado o criador de uma das armas mais letais da História, em detrimento do contexto político, do impacto das bombas na ordem mundial, da destruição em massa e da morte de mais de 200 mil pessoas. O cineasta Spike Lee, responsável por filmes como **Faça a coisa certa** (1989) e **Malcom X** (1992), em entrevista ao jornal estadunidense **The Washington Post**, elogiou a produção, mas destacou: “Se [‘Oppenheimer’] tem três horas, eu gostaria de adicionar alguns minutos sobre o que aconteceu com o povo japonês. Pessoas foram vaporizadas. Muitos anos depois, as pessoas ainda eram radioativas. Não é como se ele não tivesse poder. Ele disse aos estúdios o que iria fazer. Eu teria adorado ver o final do filme mostrando o que aconteceu ao lançar aquelas duas bombas nucleares no Japão”.

A escolha desse recorte particular de Nolan não foi a única que provocou comentários negativos. **Barbie**, por sua vez, também foi ameaçado de boicote em solo japonês, justamente por ocasião do sucesso viral das publicações de fãs que uniam os títulos. Ao embarcar no fenômeno Barbenheimer, as ações publicitárias de ambas as produções divulgaram as artes criadas pelos fãs que inundaram as redes sociais no mundo todo, muitas das quais uniam as personagens em frente a imagens que representavam a explosão de uma bomba atômica, que foram recebidas de maneira pouco favorável. O estopim para a campanha contra os filmes naquele país foi a série de interações realizadas pela conta oficial da Warner Bros. em diversas postagens com as artes. A indignação no Japão foi imediata. Em poucos minutos, eles criaram a hashtag #NoBarbenheimer. Os comentários feitos pela Warner foram apagados, a divisão japonesa divulgou um pedido de desculpas, classificou o material como “extremamente lamentável” e solicitou que o perfil tratasse o tema de forma adequada.

Apesar da campanha #NoBarbenheimer, os títulos entraram em cartaz nos cinemas do Japão meses após a polêmica.



Cultura do viral

A revolução industrial dos novos tempos ecoa na Indústria Cultural contemporânea. À medida que a tecnologia avança, o comportamento humano se modifica. Aprendemos novos fazeres, reconfiguramos as habilidades, desenvolvemos novos hábitos, nos adaptamos a linguagens e escrevemos novas páginas da história diariamente. Agora, somos hiperconectados, multitelas, multiplataformas, pensando localmente para o mundo. E, claro, intoxicados com as avalanches de informações que recebemos a cada segundo.

Por outro lado, as comunidades *on-line* conectam as pessoas ao redor do mundo em movimentos culturais sem precedentes, como o fenômeno Barbenheimer. Na Indústria Cultural ancorada no capitalismo de plataforma, um dos pontos positivos é poder ser autor da sua própria narrativa ou de uma ideia que, tal como um vírus, irá contaminar pessoas mundo afora. Viralizar. E isso inclui ideias e reflexões que vão desde temas urgentes, como feminismo, empoderamento, o poder do público, os avanços tecnológicos e científicos e os seus desdobramentos a serviço das narrativas e até a participação ativa e colaborativa dos fãs na indústria. O conhecimento, portanto, é a verdadeira força propulsora das sociedades. ▀



Sobre as autoras

> **Cíntia Brand** é pós-graduada em Jornalismo Cultural pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, MBA em Administração de Marketing e Comunicação Empresarial na Universidade Veiga de Almeida, com especialização em gerenciamento estratégico de *marketing* pela Universidade de Ohio. Foi repórter e assessora de comunicação de lançamentos nacionais e internacionais do audiovisual. Atualmente, é responsável por parcerias de marca, cinema e eventos.

> **Joyce Pais** é jornalista multimídia (Universidade Presbiteriana Mackenzie), crítica de cinema e pesquisadora pós-graduada em Mídias Digitais (Senac) e em Educomunicação (Anhembi Morumbi). Membro da ABRACCINE, diretora do *webdoc* IRACUNDA, sobre mulheres no cinema brasileiro. Especialista em audiovisual, narrativas transmídia e comunidades *on-line*.



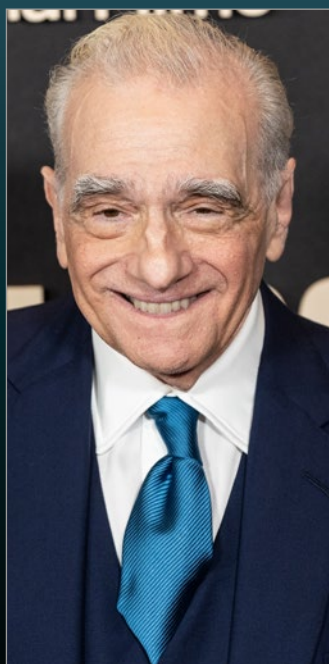


Letterboxd — A rede social do cinema

É possível catalogar filmes que você já assistiu ou quer assistir, destacar seus favoritos, compartilhar com amigos e familiares suas impressões e até mesmo conferir o que outras pessoas do mundo todo — inclusive celebridades — estão assistindo no **Letterboxd**, a rede social para quem é apaixonado pelo cinema.

PERFIS

Confira alguns perfis famosos.



Martin Scorsese

Aclamado diretor de cinema, reconhecido internacionalmente, é usuário assíduo!

Usuário: **mscorsese**



Ella Kemp

Editora, fotógrafa e escritora, é membra do London Critics Circle e tem muitas críticas publicadas em seu perfil.

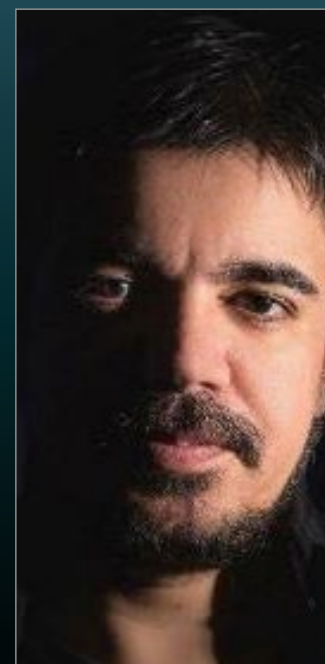
Usuário: **ellakemp**



Kleber Mendonça Filho

Diretor brasileiro com diversos filmes de sucesso, também publica suas impressões sobre os mais variados filmes.

Usuário: **kmf**



Pablo Villaça

Crítico de cinema, faz questão de avaliar os filmes sobre os quais escreve.

Usuário: **pablovillaca**



Isabel Wittmann

Coordenadora do projeto Feito por Elas, cujo objetivo é discutir e divulgar o trabalho de mulheres no cinema.

Usuário: **iwittmann**

Aprenda a usar a rede social e aproveite todos os recursos que ela oferece.



<https://s.ftd.li/v3inRp>



versão interativa



INFO GRÁFICO



Letterboxd — A rede social do cinema

Essa rede social vai muito além das críticas e avaliações. Em seção dedicada a reportagens sobre cinema, a atriz, roteirista e diretora Greta Gerwig — que também tem perfil na rede — listou os 33 filmes que a inspiraram na realização de **Barbie**. Confira a seleção, marque os que você já viu e compare seu resultado com os dos colegas.

FILMES

Clique nos filmes que você já assistiu.

Aprenda a usar a rede social e aproveite todos os recursos que ela oferece.



<https://s.ftd.li/v3inRp>



versão interativa



INFO GRÁFICO



Letterboxd — A rede social do cinema

Essa rede social vai muito além das críticas e avaliações. Em seção dedicada a reportagens sobre cinema, a atriz, roteirista e diretora Greta Gerwig — que também tem perfil na rede — listou os 33 filmes que a inspiraram na realização de **Barbie**. Confira a seleção, marque os que você já viu e compare seu resultado com os dos colegas.

FILMES

Clique nos filmes que você já assistiu.

Aprenda a usar a rede social e aproveite todos os recursos que ela oferece.



<https://s.ftd.li/v3inRp>



versão interativa



INFO GRÁFICO



Letterboxd — A rede social do cinema

Essa rede social vai muito além das críticas e avaliações. Em seção dedicada a reportagens sobre cinema, a atriz, roteirista e diretora Greta Gerwig — que também tem perfil na rede — listou os 33 filmes que a inspiraram na realização de **Barbie**. Confira a seleção, marque os que você já viu e compare seu resultado com os dos colegas.

FILMES

Clique nos filmes que você já assistiu.

Aprenda a usar a rede social e aproveite todos os recursos que ela oferece.



<https://s.ftd.li/v3inRp>



versão interativa



INFO GRÁFICO



Letterboxd — A rede social do cinema

Essa rede social vai muito além das críticas e avaliações. Em seção dedicada a reportagens sobre cinema, a atriz, roteirista e diretora Greta Gerwig — que também tem perfil na rede — listou os 33 filmes que a inspiraram na realização de **Barbie**. Confira a seleção, marque os que você já viu e compare seu resultado com os dos colegas.

FILMES

Clique nos filmes que você já assistiu.

Aprenda a usar a rede social e aproveite todos os recursos que ela oferece.



<https://s.ftd.li/v3inRp>

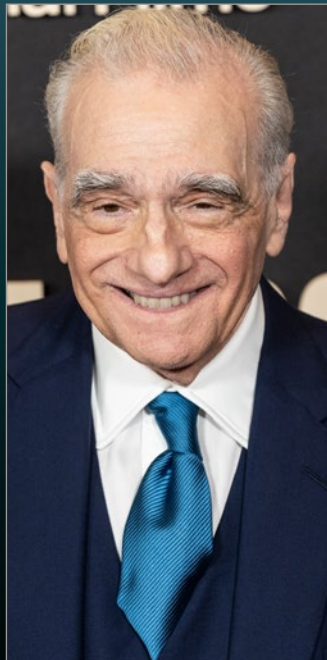


Letterboxd — A rede social do cinema

É possível catalogar filmes que você já assistiu ou quer assistir, destacar seus favoritos, compartilhar com amigos e familiares suas impressões e até mesmo conferir o que outras pessoas do mundo todo — inclusive celebridades — estão assistindo no **Letterboxd**, a rede social para quem é apaixonado pelo cinema.

PERFIS

Confira alguns perfis famosos.



Martin Scorsese

Aclamado diretor de cinema, reconhecido internacionalmente, é usuário assíduo!

Usuário: **mscorsese**



Ella Kemp

Editora, fotógrafa e escritora, é membra do London Critics Circle e tem muitas críticas publicadas em seu perfil.

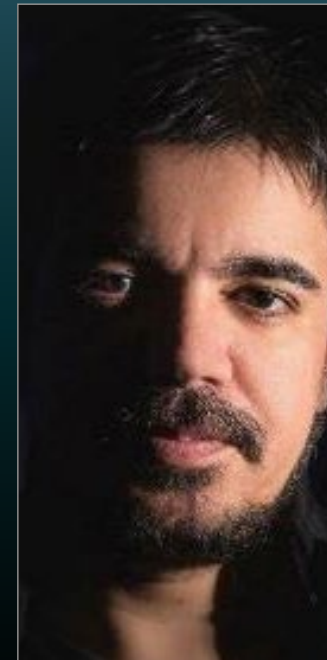
Usuário: **ellakemp**



Kleber Mendonça Filho

Diretor brasileiro com diversos filmes de sucesso, também publica suas impressões sobre os mais variados filmes.

Usuário: **kmf**



Pablo Villaça

Crítico de cinema, faz questão de avaliar os filmes sobre os quais escreve.

Usuário: **pablovillaca**



Isabel Wittmann

Coordenadora do projeto Feito por Elas, cujo objetivo é discutir e divulgar o trabalho de mulheres no cinema.

Usuária: **iwittmann**

Aprenda a usar a rede social e aproveite todos os recursos que ela oferece.



<https://s.ftd.li/v3inRp>



Letterboxd — A rede social do cinema

Essa rede social vai muito além das críticas e avaliações. Em seção dedicada a reportagens sobre cinema, a atriz, roteirista e diretora Greta Gerwig — que também tem perfil na rede — listou os 33 filmes que a inspiraram na realização de **Barbie**. Confira a seleção, marque os que você já viu e compare seu resultado com os dos colegas.

FILMES

Marque os filmes que você já assistiu.



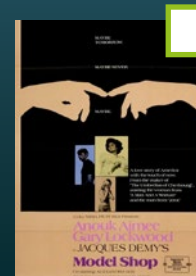
O mágico de Oz (1964)



Os guarda-chuvas do amor (1964)



Duas garotas românticas (1967)



O segredo íntimo de Lola (1969)



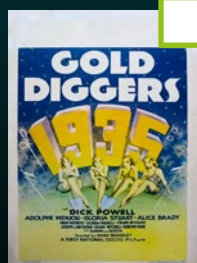
Sinfonia de Paris (1951)



Cantando na Chuva (1952)



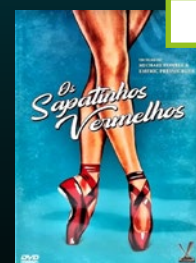
Oklahoma! (1955)



Mordedoras de 1935 (1935)



O show de Truman (1998)



Os sapatinhos vermelhos (1948)



Neste mundo e no outro (1946)



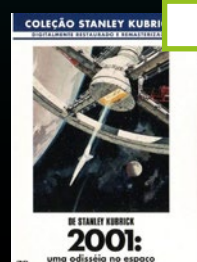
All that jazz — o show deve continuar (1979)



O céu pode esperar (1978)



Mulheres à beira de um ataque de nervos (1988)



2001 — Uma odisséia no espaço (1968)



Jejum de amor (1940)



Núpcias de escândalo (1940)



Suprema conquista (1934)

Aprenda a usar a rede social e aproveite todos os recursos que ela oferece.



<https://s.ftd.li/v3inRp>



Letterboxd — A rede social do cinema

Essa rede social vai muito além das críticas e avaliações. Em seção dedicada a reportagens sobre cinema, a atriz, roteirista e diretora Greta Gerwig — que também tem perfil na rede — listou os 33 filmes que a inspiraram na realização de **Barbie**. Confira a seleção, marque os que você já viu e compare seu resultado com os dos colegas.

FILMES

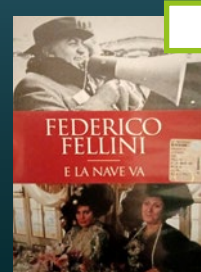
Marque os filmes que você já assistiu.



O terror das mulheres (1961)



Janela indiscreta (1954)



E la nave va (1983)



Asas do desejo (1987)



Desejos proibidos (1953)



Contatos imediatos do terceiro grau (1977)



Tempos modernos (1936)



As grandes aventuras de Pee-Wee (1985)



Grease — nos tempos da brilhantina (1978)



Meu tio (1958)



Playtime — tempo de diversão (1967)



O poderoso chefe (1972)



Splash — uma sereia em minha vida (1984)



Os embalos de sábado à noite (1977)



The Bee Gees — como curar um coração partido? (2020)

Aprenda a usar a rede social e aproveite todos os recursos que ela oferece.



<https://s.ftd.li/v3inRp>



- Cultura de massa
- Indústria cultural
- Trend e compartilhamento
- Cinema

V Organizando ideias

1. O termo “Barbenheimer” surgiu da junção dos títulos dos filmes **Barbie** e **Oppenheimer**. Como pudemos observar, apesar de opostas, as obras se completavam por diversas razões. Pesquise sobre histórias que já ganharam as telas do cinema ou as plataformas de *streaming*, em qualquer época. Quais renderiam *ships* interessantes? Listem de três a cinco exemplos, escrevam os novos *ships* e justifiquem as suas escolhas.
2. O cinema brasileiro também tem aproveitado as plataformas de redes sociais para conquistar o público, especialmente a Geração Z, formada pelos nascidos entre 1995 e 2010. No X (antigo Twitter) e no TikTok, existem diversos perfis especializados em compartilhar cenas curtas de filmes nacionais dos mais variados gêneros com transições rápidas, trilha sonora com música *pop* ou narração dos autores dos vídeos. Os chamados *edits*, na abreviatura de edições, como o termo é utilizado nas redes sociais. Assim, quem está com 30 anos ou menos tem experimentado essa nova forma de conhecer e assistir aos longas brasileiros. Pensando nisso, reúnam-se em grupo e escolham um filme nacional de qualquer gênero para produzir um *edit* e compartilhem com a turma.

Debate e reflexão

No texto, conhecemos mais detalhes sobre os filmes **Barbie** e **Oppenheimer** e como eles movimentaram a Indústria Global. Agora, reúnam-se em um grande grupo e façam o exercício de elaborar uma **Mostra de Cinema**. Vocês assumirão o papel de curadores da Mostra e terão de listar 5 (cinco) filmes que tenham alguma conexão entre si, seja ela temática, estilística, contextual, histórica etc. Reúnam justificativas de defesa para suas escolhas e apresentem-nas. Comparem e discutam as diferenças entre as seleções dos títulos de cada grupo.



V No vestibular

[Unicamp]

>> No início da década de 1920, o Brasil se preparou para celebrar os cem anos de sua independência na Exposição Internacional do Centenário da Independência do Brasil, um de seus momentos simbólicos mais significativos. Ocorrido na cidade do Rio de Janeiro, entre 7 de setembro de 1922 e 2 de julho de 1923, o evento mobilizou grandes recursos financeiros e foi responsável pela reordenação do espaço urbano. O Estado, por meio da comissão organizadora do evento, incentivou pela primeira vez a realização de documentários filmicos.

[Adaptado de Eduardo Morettin, Um apóstolo do modernismo na Exposição Internacional do Centenário: Armando Pamplona e a Independência. Film. Significação, 2012, n. 37, p. 77.]

A partir do texto, assinale a alternativa correta sobre o evento do centenário da independência.

- a) Este evento apostou no cinema e na exposição para exibir de modo tradicional, aos brasileiros, um país ibérico, associado às navegações modernas.
- b) Esta política de celebração de centenários datava do século XIX, envolvendo esporadicamente os serviços diplomáticos do ocidente.
- c) A política de associar o cinema à exposição do centenário da independência evidencia uma vontade do Estado em propagandear um país moderno.
- d) O cinema e a exposição eram veículos de propaganda política, continuando um projeto de tornar o Rio de Janeiro o cartão-postal da monarquia brasileira.



V Na hora da redação

O tema desta edição de Linguagens reflete sobre como a internet, a linguagem dos memes e as comunidades de fãs influenciaram o lançamento de duas produções cinematográficas e transformaram a experiência coletiva de assistir a um filme em uma sala de cinema em um evento global. Além de destacar temas e discussões derivados das obras, como feminismo, geopolítica, ética, comportamento e hábitos de consumo.

Os textos da seção **Fique sabendo** esmiuçam a relação entre indústria cultural e *streaming*, mídia de massa e como é necessário colocar em perspectiva as invenções e avanços, seja qual for a área de conhecimento, realizados por personalidades que mudaram o curso da História, mas que têm implicações e consequentes traumas coletivos.

Agora que você já conhece o fenômeno Barbenheimer, é válido pensar em como as mídias desdobraram os dois filmes. Quais as linguagens utilizadas dentro dessas estratégias?

Você já imaginou que um meme poderia ser ponto de partida para uma redação do Enem e de vestibulares do país? A verdade é que você pode estabelecer pontes e ganchos com algo cotidiano, aparentemente banal, e, com base nisso, apresentar fatos e estudos científicos para discutir questões complexas, desde que sustente diferentes pontos de vista, de maneira coerente, tentando, ao máximo, fugir de uma polarização reducionista.



Diretor-geral

Ricardo Tavares de Oliveira

Diretor de Conteúdo e Negócios

Cayube Galas

Diretor Adjunto de Sistemas de Ensino

Júlio Ibrahim

Gerente de Produção e Fornecedores

Cláudio Espósito Godoy

Gerente de Conteúdo

Amanda Bonuccelli Voivodic

Editora

Luzia Estevão Garcia

Editor Assistente

Thiago Costa de Oliveira

Gerente de Eficiência e Analytics

Marcelo Henrique Ferreira Fontes

Supervisora de Fluxo e Qualidade

Letícia Bovolon Bezerra

Assistente de Fluxo

Camila Cassemiro Nunes

Coordenadora de Preparação, Revisão e Qualidade

Adriana Soares de Souza

Assistente Editorial

Carolina Genúncio

Preparadora

Sônia Cervantes

Revisora

Eliana Medina

Coordenadora de Imagem e Texto

Marcia Berne

Imagem e Licenciamento

Equipe FTD

Coordenador de Produção e Arte

Fabiano dos Santos Mariano

Supervisor de Produção e Arte

Pedro Gentile

Projeto Gráfico

Bruno Attili

Carlos Feitosa Ferreira

Editor de Arte

Carlos Feitosa Ferreira

Adriana Maria Nery de Souza

Crédito das imagens e vídeos

[capa] emarandjelovic, Igor Shikov/Shutterstock.com; [p.2] Pictorial Press Ltd / Alamy / Fotoarena; [p.3] Lenka Horavova/Shutterstock.com, GoodStudio/Shutterstock.com; [p.4] Elena Ivan – Papadopoulou/Shutterstock.com, WARNER BROS. / Album / Album / Fotoarena, Paramount Pictures; [p.5] Mlle Sonyah/Shutterstock.com, Scott Rudin Productions/Management 360 IAC Films /Focus Features, Sony Pictures; [p.6] montagem a partir de Anne Koeleman/Shutterstock.com, DinosArt/Shutterstock.com; [p.7] Collection Christophel/AGB Photo Library; [p.8] Barry King / Alamy / Fotoarena; [p.9] Peace-loving/Shutterstock.com; [p.10] image_vulture/Shutterstock.com, Kraft74/Shutterstock.com; [p.11] faithie/Shutterstock.com, Acervo pessoal; [p.12] lev radin/Shutterstock.com, Acervo pessoal, Theo Wargo / Getty Images, Acervo pessoal, Acervo pessoal, MGM.Turner Entertainment. Warner Bros., 20th Century Fox, Parc Film. Madeleine Films, Columbia Pictures, Metro-Goldwyn-Mayer, Metro-Goldwyn-Mayer, RKO Pictures, Warner Bros., Paramount Pictures, General Film Distributors, SEagle-Lion Films, Columbia Pictures, Paramount Pictures, Prismo. Lusomundo Audiovisuais, Metro-Goldwyn-Mayer, Triad Productions LLC, Metro-Goldwyn-Mayer, Sony Pictures Home Entertainment, Paramount Pictures, Paramount Pictures, Vides Cinematografica, Road Movies. Argos Films, Gaumont, SColumbia Pictures, Charlie Chaplin Film Corporation. United Arts, Warner Bros, Paramount Pictures, Gaumont, Specta Films, Paramount Pictures, Touchstone Films, Paramount Pictures, HBO Documentary Films; [p.15] savrin/Shutterstock.com